

## Interpretação, corte e tempo

Ricardo Rojas Gutiérrez

Em seu texto Recordar, Repetir e Elaborar, Freud diz que o que distingue o tratamento psicanalítico de “todo influxo sugestivo” é o trabalho de elaboração (durcharbeiten) que, ao lermos este texto com Lacan, permite descobrir as moções pulsionais reprimidas na origem do fechamento do inconsciente.

Nessa direção, Lacan nos dirá em seu Seminário Livro XI – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, que uma psicanálise didática é o que lhe deu volta no laço até o final, e este tem que ser percorrido mais de uma vez; é assim que ele dá conta do termo (durcharbeiten), como uma necessidade de elaboração, trabalho que implica a colocação em ato (repetição), da realidade sexual do inconsciente, trabalho de transferência, outra tradução possível do termo durcharbeiten, que põe em jogo a pulsão.

Em A direção da Cura, Lacan nos diz que a interpretação inscrita na doutrina do significante mostra os modos de efeito deste no surgimento do significado e, desta forma, ela pode produzir algo novo ao se fundar no fato de que o inconsciente tem a estrutura radical da linguagem. A partir daí, Lacan afirma que “a interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que ali se compõem, algo que, bruscamente, torne possível sua tradução”. Neste mesmo texto, assinala que o desejo “não se capta a não ser na interpretação” e, mais tarde, chega a dizer que “o desejo é sua interpretação”.

Será, então, precisamente pelo desejo que vamos pensar a relação da interpretação com o tempo. Em seu Seminário Livro IX – A identificação, Lacan avança dizendo que “no espaço topológico que define o objeto do desejo, é provável que esse número inerente qualidade do objeto tal como está constituído a nível do desejo não é senão a marca da temporalidade inaugural que constitui este campo”. O que caracteriza o duplo anel é a repetição, pode-se dizer radical; há em sua estrutura o fato da dupla volta que, por sua vez, é este elemento do temporal. Vemos como um elemento central, na estrutura do desejo, este duplo anel, que aqui ele relaciona estritamente com a repetição, que põe em jogo - em ato- o pulsional no fechamento do inconsciente, precisamente pela incidência de algo que desempenha o papel de obturador – o objeto “a” aspirado, no orifício do esquema da nassa, utilizado por Lacan para que entendamos este assunto.

Então, vemos como, em primeiro lugar, é necessário um tempo de elaboração, trabalho da transferência, abertura e fechamento do inconsciente, as múltiplas voltas da demanda em volta do Toro, fechamento do inconsciente assinalado por Lacan como “ponto de impacto do alcance interpretativo”, “momento inicial em que a interpretação pode conseguir seu encargo”. Qual é, então, o encargo

da interpretação? Que se presentifique algo do pulsional e estamos, então, aí, nos reunindo a Freud, no que constitui a especificidade da psicanálise.

Lacan, no Seminário Livro XIV – A lógica da fantasia, diz que é impossível definir o ato se não o fizermos sobre o fundamento do duplo anel da repetição e ressalta que podemos dizer que o ato é fundador do sujeito. Duplo anel, que é um simples traço, um traçado, traço unário, sustentáculo disto que se repete e que, se repetindo, deve fazer anel, reencontrar-se na origem e, por este fato, marcar, portanto, o repetido como tal. É assim que este anel introduz o elemento não numerável, o um a mais que é essencial para toda determinação significativa.

A dupla volta da interpretação coincide com o duplo anel constituinte do sujeito e é este circuito de dupla volta que delimita um vazio e o um-a-mais essencial para a determinação significativa, volta esta que o sujeito não pode contar e é ali que o ato analítico, na qualidade de corte interpretativo, faz revelar a estrutura de linguagem. Daí, tomam seu fundamento as sessões de duração variável, em que a pontuação, a escansão e a suspensão se constituem como três espécies de operadores que regulam a lógica do tempo da sessão analítica.

Porém a dupla volta e o duplo anel não só estão presentes na escansão da sessão, como também na estrutura da interpretação que faz equívoco. No texto O Aturdito, Lacan nos diz que é nestes equívocos que se inscreve o que está ao lado da enunciação e que se concentram em três pontos nós, onde se ressalta não somente a presença do ímpar, mas também que nenhum deles se impõe como primeiro; além disto, a ordem em que Lacan os expõe homofônicos, gramaticais e lógicos, é algo que se mantém em duplo anel mais que de um só giro. Estas três interpretações que alcançam a cifra três, do zero ao ímpar três ressoam apontando para a *Bedeutung* que não é outra senão o objeto “a” presente no circuito da pulsão.

Então, como se resolve essa significação-referente para a qual a interpretação aponta? Lacan nos diz no Aturdito que “o objeto “a”, ao cair do furo da banda, se projeta aí après-coup, nisto que chamaremos, por um abuso imaginário, o furo central do Toro, ou seja, em volta do qual o transfinito ímpar da demanda se resolve pela dupla volta da interpretação.”

Assinalamos que as interpretações equívocas e as por escansão coincidem com o duplo anel, porém Lacan nos assinala aqui uma interpretação que resolve o transfinito ímpar da demanda, quer dizer que o sintoma: cesse, “vírgula”, de se inscrever. Podemos concluir, então, que há, em Lacan, uma interpretação do final de análise, interpretação e final a que ele acrescenta uma lógica do Ato. Ela enfatiza: é, em si mesma, um Ato que é significativo. “É um significativo que se repete, ainda que se passe em um só gesto, por razões topológicas que tornam possível a existência do duplo anel criado por um só corte. É a instauração do sujeito como tal”. Quer dizer é um Ato verdadeiro de onde o sujeito surge diferente, pois, em razão do corte,

sua estrutura é modificada. O correlato deste ato é o desconhecimento, ou, mais exatamente, nos diz Lacan, o limite imposto a seu reconhecimento no sujeito, Repräsentanz na Vorstellung, que neste Ato é a Verleugnung.

Limite e reencontro com a inconsistência do Outro, momento em que o enodamento entre 1 e "a" se desfaz, o Um de exceção cai e se reúne à série dos outros uns, o que torna possível examinar as relações entre o Um e o Outro e, por sua vez, permite reconhecer a equivalência do sujeito com o objeto "a", momento do fim, onde a eleição do final permitirá ao analisante, por suas conseqüências, "desabonar-se do inconsciente" ao encontrar o justo lugar da press(a) em um saber-fazer-aí-com, mais além da Verleugnung.